

O fim dos pelegos

ANC pag. 25
19 ABR 1987

O GLOBO JOSÉ RESENDE PERES

No dia em que for buscar as causas do lento desenvolvimento da agricultura brasileira, certamente o analista vai verificar que os Governos, impunemente, não só deixaram de fornecer estímulos, como ainda perseguiram a produção rural, via tabelamentos, dumping, proibição de exportações para aviltamento de preços internos, elevação da taxa de juros, retração do crédito rural, etc. Isto tudo sem protesto de lideranças, ou não raro sob as vistas complacentes, traidoras dos polegos que tomaram o comando das Associações Rurais e Federações ou na própria Confederação Nacional da Agricultura.

O político brasileiro, em geral, nada entende de economia agrícola (vejam os dois Ministros nomeados por Sarney, Pedro Simon e Iris Resende) e assim, mesmo que sejam honestos e bem intencionados, são de baixa produtividade. Nossos economistas em sua grande maioria nunca dormiram numa fazenda, e apenas "aprendem" de ouvir dizer ou em livros estrangeiros. Mesmo o mais célebre deles, o honrado professor Eugênio Gudim tinha conhecimento falho, puramente pré-Embrapa:

"Num país montanhoso com terra pobres de húmus e ricas de erosão, seria um contra-senso não nos procurarmos industrializar", conforme citação de João Paulo dos Reis Velloso em seu livro recente, "O último trem para Paris".

Ora em todos os países do mundo há terras de primeira, como o solo negro da Ucrânia, como as planícies da Normandia ou o Corn Belt americano. Mas nesses países também há montanhas e terras fracas. Um dia um Ministro da Agricultura dos EUA, que me visitou na Secretaria da Agricultura no Rio, ficou pálido quando eu lhe mostrei em um grande mapa os 2 milhões de quilômetros quadrados de cerrado brasileiro, todo apto para cultura da soja, e que com irrigação nos poderia livrar da importação de trigo.

Assim sem políticos preparados, sem economistas com visão do potencial da agricultura brasileira, tivemos durante décadas, como "defensores", pelegos da mais baixa qualidade, todos gordos com as mordomias do Imposto Sindical obrigatório... que nenhum produtor rural pagaria para sustentar uma quadilha de malandros. Há excessões brilhantes, como em Minas Gerais, com Antônio Ernesto de Salvo com as

rêdeas da Federação. Mas em muitos Estados, os fazendeiros escolhem mal os Presidentes de Sindicatos Rurais que, por sua vez elegem péssimos Presidentes de Federações. E o caso do Estado do Rio, Sergipe, Alagoas, Pernambuco (agora em fase de recuperação), RRio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Pará e Amazonas. E lamentavelmente, São Paulo, o maior Estado agrícola, também fiel vassalo dos pelegos da Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

Agora, com uma nova Constituição sendo preparada, impõem-se novos rumos, não só com o fim do Imposto Sindical obrigatório, como da extinção da prescrição do direito de reclamação do trabalhador rural que deve ter mesmo prazo do trabalhador urbano, ou seja sindicato dependendo do Governo para sobreviver (liberar recursos) não pode ser livre. E a Convenção da OIT, deste ano, prega uma total autonomia sindical. Felizmente o Ministério do Trabalho desta República Populista também prega a extinção da contribuição sindical, embora gradual. Ora, por que matar uma cobra aos poucos? "Assim ficará claro que a assistência médico-dentológica e as oportunidades de lazer são uma obrigação do Estado e não dos sindicatos. Para o bem do movimento sindical e dos trabalhadores, somos totalmente a favor da extinção da Contribuição (Imposto) Sindical" (Antônio Toschi, Pres. do Sind. dos Metalúrgicos de Osasco, SP, em O GLOBO de 31/3/87. O insuspeito Sr. Jair Meneghelli, Presidente da CUT, declarou ao Jornal do Jornalista de março/87: "Nós somos contra a obrigatoriedade do Imposto Sindical. Entendemos que o trabalhador deve discutir em assembléia a manutenção financeira dos seus sindicatos". Como se vê é a palavra de um líder independente, pois os pelegos ficam apavorados com a extinção das contribuições que permitem mordomias, escritórios de luxo, viagens ao exterior, etc.

Com a palavra os Constituintes. E que os fazendeiros passem a ter vergonha dos pelegos que são eleitos para a CNA, pelos presidentes pelegos de Federações, eleitos por cínicos pelegos dos Sindicatos rurais, como aconteceu no Estado do Rio no ano passado. Felizmente, líderes autônomos, como o bravo Ronaldo Caiado, vêm apontando ao Governo os caminhos para que uma poderosa agricultura elimine a fome em todo o País.

ANC 88
Pasta 16 a 23
Abril/87
051